

Cinema: Rio
será tema de
mostra paralela
em festival • 2

SEGUNDO CADERNO

Show: Scorpions
tocam bem, mas
para pouca gente,
na Arena • 8

SEGUNDA-FEIRA, 1 DE SETEMBRO DE 2008

Eduardo Fradkin

A sorte caiu do céu para o carioca Alécio de Andrade enquanto ele trabalhava em Paris em 1968. Durante os tumultos estudantis em maio daquele ano, o legendário Henri Cartier-Bresson, conhecido como "Papa da fotografia", levou um golpe na cabeça enquanto tentava registrar uma imagem daquelas que ele mesmo chamava de "instante decisivo", ou seja, o momento efêmero em que o tema enfocado atinge seu ápice, e caiu nos braços do brasileiro. Foi assim que os dois se conheceram. Bresson foi uma referência para Andrade — que, como o mestre, preferia fotografar em preto-e-branco, não usava flash e não fazia cortes no enquadramento dos negativos — e, dois anos depois, virou seu chefe na prestigiosa agência Magnum, fornecedora de material para os maiores jornais e revistas do mundo.

O fotojornalismo foi uma das facetas do carioca, que também gostava de retratar crianças, cenas do cotidiano, celebridades (com as quais muitas vezes tinha laços de amizade) e a interação dos visitantes do Louvre com as obras de arte expostas. Uma seleção de 265 imagens englobando esses diferentes temas faz parte de uma exposição que será inaugurada nesta quarta-feira no Instituto Moreira Salles, na Gávea. O vernissage será amanhã. O Instituto lança ainda um livro com 170 imagens ampliadas do profissional, que morreu em 2003, vítima de uma onda de calor na França.

— As imagens da exposição ficarão no acervo permanente do Instituto. As primeiras fotos de Alécio, enfocando crianças, já são muito bem estruturadas e nada piegas, como geralmente se vê. Ele tinha uma sensibilidade incrível para apontar sua câmera na direção certa e na hora certa. É o que Cartier-Bresson chamava de alinhamento do coração, da mente e do olhar — observa Sergio Burgi, curador da exposição.

O escritor Fernando Sabino fez comentário semelhante sobre Andrade numa crônica de 1973: "Para ele, tudo o que há de mais importante está acontecendo ao acaso em torno da gente, basta saber ver".

Em entrevista ao GLOBO naquele mesmo ano, o fotógrafo comentou a fase inicial de sua carreira:

— Havia uma explicação de ordem psicológica: muito tímido, eu tinha medo de que as pessoas me agredissem. Só as crianças me davam certa tranquilidade.

Poesia e piano eram paixões do carioca

• Antes de ser fotógrafo, ele não teve trabalho fixo. Abandonou a faculdade de direito em favor da atividade literária. Como poeta, foi premiado na Primeira Semana de Arte Contemporânea da Universidade Católica do Rio (com Vinicius de Moraes e Cecília Meireles no júri). Adorava tocar piano clássico. Retratou pianistas célebres como Rudolf Serkin, Arthur Schnitger e Alfred Brendel, de quem foi amigo.

Três anos depois de seu tímido início na fotografia, ele ganhava uma bolsa do governo francês para cursar o Instituto de Altos Estudos Cinematográficos, em Paris. Foi para lá em 1964 e não voltou mais, a não ser para estadias curtas.

— Ele dizia que não tinha vontade de voltar a morar no Brasil porque seus amigos se tinham ido — conta por telefone a viúva, Patricia Newcomer, da França.

Os amigos a quem se referia era gente como Carlos Drummond de Andrade, que lhe dedicou um poema, Vinicius de Moraes, Marques Rebelo e outras personalidades.

— Ele conhecia muitos desses intelectuais e artistas de bares em Ipanema, do tempo do Zeppelin. Outros, acho que foi por intermédio de meu pai (o escritor Almir de Andrade) — diz a irmã mais nova, Naruna Bomfim de Andrade.

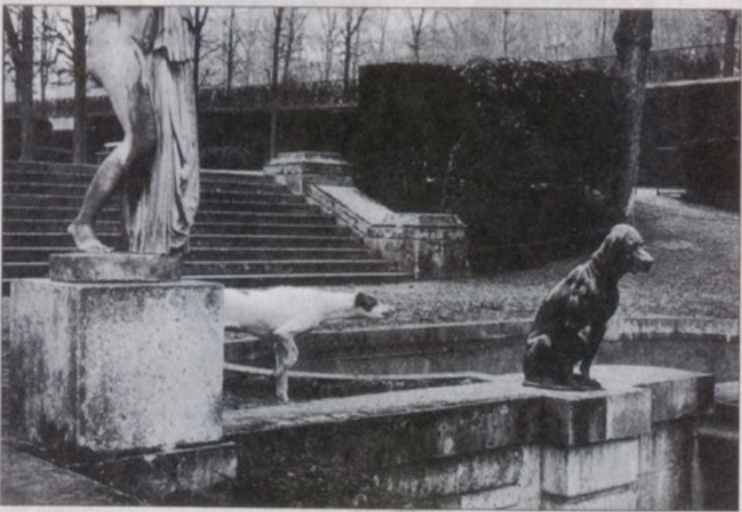
Sobre seu ofício, Andrade dizia: — Nossa tarefa é registrar acontecimentos. Se nisso há arte ou não, depende da interpretação de cada um. *Continua na página 2*

O efêmero em fotos eternas

Exposição e livro resgatam a obra do carioca Alécio de Andrade, que figurou em jornais e revistas de todo o mundo



AS TRÊS GRAÇAS, no Museu do Louvre, em foto de 1970



CÃO EXAMINA estátua no Parque de Saint-Cloud, em Paris, 1975



ALÉCIO DE ANDRADE (à esquerda) e Henri Cartier-Bresson, em 1981



SALVADOR DALÍ (à frente) e François-Marie Banier, em Paris, em 1971



CARLOS DRUMMOND de Andrade, no Rio de Janeiro, em 1964



BEIJO FLAGRADO na Rua do Sena, em Paris, em 1976

Continuação da página 1

Em 2009, nova exposição traz série no Louvre

Viúva organiza legado de milhares de fotos e identifica retratados

Assistente do artista argentino Antonio Seguí, a franco-americana Patricia Newcomer é quem cuida do legado de Alécio de Andrade, com quem foi casada e teve dois filhos. São 4 mil contatos, 120 mil negativos e 3 mil cromos. Simpática, ela se compara a uma detetive ao explicar o árduo trabalho de identificar personagens nessas milhares de imagens. Desde 2004, ela organiza o vasto arquivo iconográfico. Os dois se conheceram em 1982, graças a outro argentino, amigo em comum deles, o escritor Julio Cortázar, que fez um texto para um livro de fotos de Andrade.

Hoje, Patricia tem o prazer de ver realizados projetos que seu marido não conseguiu levar a cabo em vida. Um deles é a edição de um livro e uma exposição com uma série de fotos feita ao longo de muitos anos no Museu do Louvre, que constam na agenda do Instituto Moreira Salles em 2009, na programação do Ano da França no Brasil.

— O tempo não afeta as fotos de Alécio — afirma ela.

Sobre a série do Louvre, o cunhado de Andrade, Pedro Pinheiro Guimarães, que também é fotógrafo, conta:

— Há uma foto famosa de um grupo de freiras olhando a tela “As três graças”, que ele tirou depois de as seguir discretamente por um bom tempo. Disse que foi um misto de sorte e paciência.

Embora às vezes fosse sorrateiro e ficasse de tocaia, Andrade geralmente estabelecia contato com os fotografados.

— Ele tinha uma capacidade de comunicação incrível com as pessoas — diz Guimarães. ■

Visuais Exposição:



FOTOS DE ALÉCIO DE ANDRADE/DIVULGAÇÃO

MESTRE DO RETRATO - Da esquerda para a direita, freiras no Louvre, da série dedicada ao museu; o poeta Manuel Bandeira (centro) e freira tomando sorvete numa rua de Paris, onde o fotógrafo morou parte da vida

O brasileiro que Bresson admirava

Alécio de Andrade, que a convite do fotógrafo francês integrou a Agência Magnum, ganha sua primeira retrospectiva no Brasil

Roberta Pennafort
RIO

"A voz lhe disse (uma secreta voz):

- Vai, Alécio, ver.

Vê e reflete o visto, e todos

captam

por seu olhar o sentimento

das formas

que é o sentimento primeiro -

e último - da vida."

De 1979, os versos têm como au-

tor Carlos Drummond de An-

drade e falam de Alécio de An-

drade (não, os dois não eram pa-

rentes, apenas amigos). Fotó-

grafo carioca que completaria

70 anos em 2008, ele morreu em

agosto de 2003, em Paris, cida-

de onde estava radicado desde

1964. Por ter passado quase dois

terços de sua vida fora do País, é pouco conhecido pelos brasileiros - já os iniciados o consideram um dos grandes de sua arte. Uma retrospectiva será aberta hoje para convidados e amanhã para o público, no Instituto Moreira Salles (IMS) do Rio.

Foram necessários quatro meses de edição para se chegar às 265 fotos que compõem a exposição (o belo catálogo tem 165). Tocando o projeto há dois anos, o IMS recebeu mais de 120 mil imagens de Andrade, dispostas em 4 mil filmes cedidos pela viúva, que mora na capital francesa. A curadora é Sergio Burgi, o coordenador da área de fotografia do IMS e também de seu centro cultural no Rio.

Os registros, todos em preto-e-branco, vão de 1963 a 2001. Entre eles, seus portraits de personalidades - Salvador Dalí, Sartre & Simone de Beauvoir, Henry Miller, Manuel Bandeira, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Glauber Rocha, Di Cavalcanti, Pelé e Vinicius de Moraes estão entre os retratados.

Estão lá parte dos instantâneos que captam as mais comovedoras expressões de crianças: a garotinha que sobe correndo a escadaria, o menino com o dedo no nariz e os olhos voltados para a câmera, os anjinhos da procissão de Minas Gerais, um deles ainda de chupeta na boca.

Para as crianças, "há um mirante iluminado no olhar de Alécio e sua objetiva", dizia Drummond.

"Mas a melhor objetiva não serão os olhos líricos de Alécio", o poeta indagava em seguida.

Em 1964, quando Andrade deixou o Brasil - preferiu a efêmera véspera cultural europeia ao novo e sombrio estado de coisas por aqui -, "o trabalho dele já trazia muito daquilo que a gente aprenderia a associar a Cartier-Bresson e seu 'momento decisivo'", diz Burgi, lembrando que foi o fotógrafo-mestre francês quem convidou Andrade a se tornar membro da Agência Magnum, o importante coletivo ao qual ficou associado de 1970 a 1976.

"Ele tinha uma relação de amizade com Cartier-Bresson", lembra o curador. "Sempre trabalhou com 35 milíme-

tros, sem uso de flash ou de retoques e sempre trouxe algo muito pessoal para as fotos. Tinha formação em música, publicou poemas, ou seja, já saiu do Brasil com uma bagagem muito diversificada. Na Europa, se aprofunda, se educa."

O Museu do Louvre, por exemplo, era uma escola. Lá ele clicou frequentadores no exato instante da contemplação das obras de arte. Outros cartões-postais parisienses lhe serviram de cenário: o Jardim de Luxemburgo, o Rio Sena, as Tuileries, a catedral de Notre-Dame, a Ponte Neuf.

Andrade nasceu no Rio em 1938. Formou-se advogado em 1951. Estudou piano e publicou poemas em revistas literárias

(chegou a ganhar o prêmio de poesia da Primeira Semana de Arte Contemporânea da Universidade Católica do Rio, senão o júri integrado por Vinicius e Cecília Meireles). Mas a fotografia o conquistou de vez já no início da década de 60.

Trabalhou como fotografo para publicações brasileiras e estrangeiras. *Itinerário da Infância*, a primeira exposição, foi em 64, na Petite Galerie, em Ipanema, e foi um sucesso. Ele fotografava havia poucos anos, mas já impressionava seus contemporâneos. No Brasil, a última mostra foi em 1981. Desta vez, depois do Rio, a exposição vai para as unidades do IMS em São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Poços de Caldas. ●